

“O IFÁ NO JOGO DISSE QUE EU NÃO INCORPORAVA, QUE EU NASCI MÃE”: TRAJETÓRIA DE VIDA DA EKEDJI ROSA BARROSO, EGBÉ ASÉ YEWALÊ BEMI TI'YEMONJA (BOA VISTA/RR)¹

Rosa Maria Rodrigues Barroso*

Monalisa Pavonne Oliveira**

Tiago Siqueira Reis***

Introdução

Em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2021) chamamos a atenção para a contribuição que a História poderia trazer nos estudos das religiões afro-brasileiras, colaborando para pensá-las em sua densidade e historicidade, somando esforços a outras áreas do conhecimento. Tal trabalho constituiu-se como um desdobramento do projeto de pesquisa e cooperação entre a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, superintendência de Roraima (IPHAN/RR), que culminou na publicação do livro “Fé e Resistência: Religiões de Matrizes Africanas e Afro-Brasileiras em Boa Vista/RR” (OLIVEIRA *et al.*, 2020), cujos autores são os pesquisadores, estudantes e, sobretudo, sacerdotes e sacerdotisas que contaram suas próprias histórias.

A proposta do presente texto vincula-se, portanto, aos trabalhos anteriores (OLIVEIRA, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2020) e, nomeadamente, à ideia de construir parcerias para iluminar e trazer à tona as religiões afro-brasileiras em Boa Vista/RR, a partir das falas/coautorias firmadas com membros dos terreiros. Aqui, nosso holofote estará voltado para conhecer e compreender o cargo desempenhado por mulheres em candomblés de nação ketu, as ekedjis.² Para tanto, contaremos com a contribuição/coautoria da ekedji Rosa Barroso, do Egbè Asé Yewalê Bemi Ti'Yemonja, para a partir da sua trajetória de vida apreender as dinâmicas organizacionais, hierarquias e funções deste cargo em um terreiro, sobretudo o cuidado desempenhado por essas mães.

Nossos objetivos são: primeiramente, atentar para a diversidade de modos de pensar, viver e de crer fazendo emergir a narrativa e os pontos de vista das ekedes. Em segundo lugar, dar continuidade aos trabalhos acima mencionados, contribuir com os que estão sendo desenvolvidos atualmente nos cursos de pós-graduação na UFRR e na Universidade Estadual de Roraima (UERR), frutos de trabalhos de conclusão de curso em nível de graduação (BATISTA, 2021; SILVA, 2022), e prolongamentos da pesquisa inicialmente desenvolvida em parceria entre IPHAN/RR e UFRR (2018-2020) e do projeto de pesquisa

* Ekedji de Iemanjá no Egbè Asé Yewalê Bemi Ti'Yemonja, em Boa Vista/Roraima.

** Professora doutora adjunta na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Professora do curso de Licenciatura em História. Professora permanente no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA/UFRR) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRR).

*** Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (PPGSOF/UFRR).

1. Revisado e avaliado pela Cigana Suvilan, uma das entidades incorporadas pelo Babalorixá Delmiro Freitas, líder do Egbè Asé Yewalê Bemi Ti'Yemonja.

2. Ao longo de pesquisas e trabalhos consultados verificamos diferentes grafias para “equede”. Neste trabalho adotaremos a forma como o próprio terreiro em análise escreve: *ekedji*, para nos referirmos à ekedji Rosa Barroso. Às equedes em geral, empregaremos a grafia *ekede*, comumente utilizada na maioria dos trabalhos acadêmicos para facilitar as buscas por intermédio das “palavras-chave”.

“Sacrifício ritual nas religiões de matriz africana e afro-brasileira em Boa Vista/RR” (2020-2022), explorando uma temática que ainda não foi suficientemente visibilizada por diferentes motivos. Por outro lado, percebemos que os estudos sobre as religiões afro-brasileiras estão começando a ganhar fôlego na nossa região, designadamente, Roraima.

Nessa direção, a opção por convidar como coautora deste texto a ekedji Rosa Barroso ocorre por duas razões: num primeiro momento, verificamos que o tema ainda não foi explorado pelos trabalhos acadêmicos locais. No entanto, surpreendentemente, é uma temática que vem ganhando terreno nos últimos cinco anos em inúmeros pontos do país, sobretudo na Bahia. Os artigos levantados para a presente discussão são em sua ampla maioria de 2019 em diante, com exceção dos artigos publicados em 1995 e 2013, observamos que uma significativa parcela deles fazem parte de trabalhos de pós-graduação em curso. As dissertações e teses seguem o mesmo fluxo. Cabe destacar que os pesquisadores dos artigos, teses e dissertações são pessoas diferentes, o que reforça nosso movimento de nos inserirmos nessa corrente. Em segundo lugar, percebemos, ao longo das nossas pesquisas e visitas às casas religiosas, a importância na manutenção e cuidado da religião e dos demais membros desempenhados por essas mulheres.

O cargo de ekedji que apresentaremos no trabalho em tela, na esfera do Egbè Asé Yewalê Bemí Ti'Yemonja, é considerado um posto alto que se aproxima ao do Babalorixá em responsabilidades. A mulheres que ocupam tal cargo não incorporam os orixás, ou seja, não entram em transe. Elas são conhecidas como “damas” ou “camareiras” dos orixás, entre outras nomenclaturas. Os seus principais símbolos são a toalha e o adjá.³

No intuito de esclarecer acerca de funções e atribuições, bem como lançar luz sobre um cargo tão importante, assim como todos os outros, porém, pouco mencionado e visibilizado no universo dos trabalhos acadêmicos, nos propomos a dividir este texto em duas seções: na primeira, revisitaremos a bibliografia que trata das ekedes, apresentando suas principais concepções objetivos e abordagens; e, na segunda, traremos a fala da ekedji Rosa Barroso articulada a dos pesquisadores, para que o leitor possa vislumbrar a relevância de tal posto para as comunidades e manutenção dos terreiros.

Uma breve revisão da literatura: definição e atribuições

Em um dos trabalhos pioneiros sobre as mulheres nos terreiros, Maria de Lourdes Siqueira, em 1995, definia: “Ekedi, Ajouê, Dere ou Makota são aquelas mães que permanecem acordadas enquanto suas filhas e filhos estão incorporados pelos seus Orixás” (SIQUEIRA, 1995, p. 440). Apesar de hierarquicamente essas mulheres esta-

3. Adjá: Sineta de metal, com duas ou mais campainhas, usada para chamar os orixás ou provocar a incorporação. Também usada para chamar os filhos de santo para assistir à cerimônia de dar comida ao orixá (CAMINHOS DO AXÉ, 2023a).

rem mais próximas da base da pirâmide numa gradação entre os cargos, Siqueira enfatiza que algumas delas ocupam lugar de vanguarda na organização e promoção de seus templos. Nessa perspectiva, podemos citar as reconhecidíssimas Ekedy Sinha e Makota Valdina, cujas trajetórias publicadas foram alicerçadas em suas narrativas (PINTO, 2015; BRANDÃO, 2016).

As ekedes, para Daniele Ferreira Evangelista, “são portadoras de títulos honoríficos e responsáveis por cuidar da casa” (2013, p. 99). Seu posto é apontado publicamente pelos orixás, revelando ali o destino daquela mulher na sua nova família espiritual. Essas mulheres são apontadas como mães e não passam pelo processo de aprendizado que dura em média sete anos, apesar de deverem cumprir suas obrigações no âmbito da religião periodicamente como os outros postos.

As ekedes se tornam mães logo após finalizada sua iniciação, quando saem do roncó,⁴ renascendo numa nova comunidade, a do terreiro. Elas renascem como mães, e passam a ser incumbidas por uma série de atribuições e responsabilidades que ultrapassam a manutenção dos terreiros, sendo o papel de mãe primordial, como o cuidar, o ensinar e o participar ativamente da criação dos filhos da casa e, sobretudo, zelar pelo orixá. As ekedes não passam pela fase de iaô (membros que incorporam), o posto mais baixo entre os iniciados. Estes, após suas obrigações e preceitos podem vir a se tornar pais ou mães de santos com casa própria. Por seu turno, o cargo que as ekedes ocupam logo após a iniciação é o mais alto que elas podem alcançar dentro da religião. (EVANGELISTA, 2013).

Entre os cargos que não incorporam, temos os ogãs e as ekedes, estas têm suas obrigações religiosas e seculares, sendo o ogã um posto acima da ekede. Elas devem cuidar do conforto do orixá na Terra, protegendo e guardando o pai ou mãe de santo incorporados, e atendendo as necessidades do orixá, vestindo-o, enxugando seu rosto. Os ogãs, por sua vez, se subdividem em diferentes especialidades, desde o toque dos atabaques até os sacrifícios de animais, entre outras atividades particulares de cada designação de ogã. (EVANGELISTA, 2013).

No âmbito secular, o trabalho dessas mulheres é fulcral para a manutenção dos terreiros e realização de ritos e celebrações. Andrea Natividade Montenegro e André Luis Nascimento dos Santos (2019) destacam que as funções desempenhadas pelos cargos congêneres às ekedes em terreiros de diferentes nações, é sistematicamente negligenciado nas narrativas etnográficas empreendidas por pesquisadores de várias áreas, é como se fossem invisíveis. No entanto, como indicam Montenegro — que além de pesquisadora é ekede no terreiro Ilê Axé Oyá Tolá— e Santos (2019), as ekedes são parte fundamental na organização e realização dos ritos e celebrações,

[...] (levantando as demandas junto ao zelador ou zeladora, dando ciência às partes envolvidas, fazendo reuniões, mobili-

4. Roncó: Espaço sagrado [uma espécie de quarto] onde ficam recolhidos os iniciados no candomblé (DICIONÁRIO INFORMAL, 2023).

zando pessoas, estimando custos, captando recursos, distribuindo tarefas durante o dia da cerimônia é imprescindível que a programação tenha sido combinada com o zelador/zeladora para fins de assistência e orientação dos membros mais jovens da comunidade; elas também atuam na montagem e decoração dos espaços públicos e dos espaços sagrados restritos; além das atividades largamente retratadas nas bibliografias. Findas as cerimônias, incumbem-se da desarrumação dos espaços e acompanhamento dos zeladores/zeladoras na finalização dos rituais (MONTENEGRO; SANTOS, 2019, p. 83).

Por outra perspectiva, todo o conhecimento aprendido, compartilhado e construído no cotidiano dos terreiros, possibilita às ekedes conceber e gestar diferentes laços e relações com os membros aos quais elas devem cuidar e orientar, transbordando sua influência em diferentes níveis ampliando virtualmente seu poder simbólico, “ora mãe ora educadora, ora curadora” (SIQUEIRA, 1995, p. 443).

Para contribuir com a reflexão, trazemos um caso interessante ocorrido no estado do Rio de Janeiro, onde uma ekede descobriu-se rodante.⁵ Daniele Ferreira Evangelista (2013) apresenta a trajetória de Carla, que foi iniciada ekede no terreiro de seu pai carnal. No entanto, Carla sempre sentiu sintomas “estranhos” quando da realização de ritos e celebrações no terreiro que seguia. Após discordâncias e desavenças com o pai, a ekede decidiu proceder sua obrigação de 14 anos em outro terreiro. Nesse ínterim, em um jogo de búzios se surpreendeu quando descobriu que seus sintomas eram o indicativo de que era rodante, mãe de santo, não equede, como acreditava ela e seu pai biológico e espiritual.

A consulta ao oráculo é uma investida em conhecer e traçar alternativas a uma sina que possa conduzir ao sofrimento. Todavia, quando um cargo é apontado, não há o que se fazer. Evangelista (2013) compara tal sorte aos genes que estão inscritos no nosso DNA, não há escapatória. Contudo, observamos um caso *sui generis*.

Nesse momento, começou um novo capítulo na vida da ekede que se tornou mãe de santo. Esse novo capítulo exigiu uma “mudança de águas”, e uma nova iniciação. Mudar de águas é quando um membro do candomblé muda de nação. Cada terreiro guarda as tradições de uma nação, um dialeto específico e formas próprias de se relacionar com o sagrado, muito embora haja inúmeras similaridades com outros terreiros nos ritos e celebrações (LIMA, 1976).

Tal contexto que a levou a “mudar de águas”, e iniciar-se numa nova nação onde pôde exercer sua nova função, criou uma enorme efervescência entre as comunidades envolvidas, visto que colocou em xeque o poder e sabedoria dos pais de santo: o primeiro que a havia apontado como ekede; e o segundo, como rodante. Seguin-

5. Pessoa que entra em transe.

do essa linha, os pais de santo que fizeram os jogos e a iniciaram em diferentes funções tornaram-se alvo de curiosidade e, possíveis, descrenças do entorno. Mas, o foco principal de ceticismo era com relação à mulher que mudou de terreiro, de nação e de posto. Não obstante, nem todos duvidaram, e a e a nova rodante foi acolhida em sua nova família espiritual.

Nesse diapasão, os trabalhos discorrem sobre esse cargo, desvelando o quão primordial é para a vida nos terreiros. No entanto, nos trabalhos acadêmicos, as pesquisas apontam para a invisibilização das mulheres que ocupam tais cargos. Para ilustrar, temos o ensaio (conforme o autor tipifica seu trabalho) de Eduardo Bonine, “Iaôs e Ekedes: quem são essas mulheres? uma análise do papel da mulher no candomblé dito tradicional da cidade de São Paulo” (2020). Bonine elege três conceitos-chave como perspectiva de análise: raça, gênero e economia, para compreender a função desempenhada por mulheres no candomblé paulistano.

O referido autor apresenta um breve histórico dos terreiros em São Paulo, que ao contrário da Bahia, eram liderados por homens, principalmente na década de 1970. Desse modo, ao traçar a trajetória do terreiro Axé Ilê Obá, adotando como marcos temporais os anos de 1970, 1990 e 2015, o autor observou a figura feminina firmando seu espaço e atribuições na religião, especialmente como líderes da casa, como foram os casos das yalorixás mãe Sylvia de Oxalá e a terceira, e atual, com mãe Paula de Iansã.

Entretanto, na percepção do autor, outros cargos femininos, particularmente as ekedes, seriam cargos subalternizados por serem postos hierarquicamente inferiores e responsáveis pelo cuidado da comunidade. Para compreender o arranjo hierárquico, o pesquisador valeu-se do conceito de *care*.⁶ (BONINE, 2020). Este conceito, no âmbito da lógica patriarcal, reduziria a relevância dessas mulheres no seio da comunidade, dada a hierarquização entre homens e mulheres na sociedade patriarcal ocidental capitalista. Tais valores também participam das vidas dos membros de terreiros, imersos nessa sociedade.

Em contrapartida, se mirarmos por novos ângulos, como propõem as pesquisas que apresentaremos em seguida, especificamente por dentro dos terreiros, das continuidades e rupturas que todas as religiões e crenças guardam em si, da lógica de funcionamento que pressupõe a resistência para continuar existindo, talvez seja possível reposicionar o nosso olhar acerca dessas mulheres, e do todo de forma orgânica.

Bonine (2020) não apresenta as ekedes e iaôs como cargos designados e apontados pelos orixás como cargos com funções importantes para a consecução da religião, seu cotidiano e ritos. Pelo contrário, observa os cargos a partir da lógica hierárquica do poder, no qual na visão ocidentalizada patriarcal, as ekedes, a quem cabe o cuidar, não é percebido de maneira valorizada e fundamental. De acordo com o autor, “A hipótese deste ensaio é a da simples reprodução dos padrões sociais do patriarcado dentro do

contexto religioso, da naturalização do que cabe ao homem e do que cabe à mulher” (BONINE, 2020, p. 125).

Consideramos a provocação do autor como pertinente. Em consonância com Montenegro e Santos (2019), as equedes quando observadas a partir do prisma das relações de poder a partir de uma concepção hierarquizada ocidental não são percebidas na sua importância enquanto mães e atuantes nos terreiros. Estes autores questionam:

Por que há uma invisibilidade deste posto/cargo hierárquico das Comunidades de Terreiro que tem um equivalente masculino, quais sejam, os Ogans, Tatas ou Huntós, estes que de forma tão recorrente são investigados, registrados e publicizados no âmbito acadêmico e altamente considerados e dignificados nos meios religiosos, social e científico? Há um esquecimento ou uma negligência proposital? (MONTENEGRO; SANTOS, 2019, p. 78).

Montenegro – que se autodeclara ekede no Terreiro Ilê Axé Oyá Tolá – e Santos (2019) reforçam certa desatenção dentro das comunidades afro-religiosas:

Ekedes, Ajoieis, Iarobás e Makotas, existem uma evidente invisibilidade das suas trajetórias e protagonismos não só no âmbito das produções acadêmicas, como, também, no âmbito das narrativas acerca dos feitos dessas mulheres no panteão das ancestralidades compartilhadas (MONTENEGRO; SANTOS, 2019, p. 77).

A constatação de que o cargo de ekede não aparece como um dos temas mais abordados entre aqueles que concernem às religiões afro-brasileiras, nos trouxe ao presente estudo e parceria com a ekedji Rosa Barroso. Apresentamos aqui autores que concluíram algo parecido conosco, e se dedicaram à temática à luz da lacuna, indicando como razão o universo patriarcal ocidental capitalista em que estamos imersos, no qual a mulher mãe é subalternizada, conseqüentemente, as ekedes atraem menos a atenção de estudiosos das religiões afro-brasileiras. Este universo faz-se presente em todos os meandros, não apenas de nossas vidas, mas, inclusive, nas dos membros dos terreiros, como revelaram Montenegro e Santos (2019). Isso torna alguns assuntos mais visíveis, e outros invisíveis.

Contudo, é essencial a análise que vislumbre outras possibilidades de compreensão das dinâmicas e lógicas dos terreiros, e o cargo de ekede pode iluminar a força das mulheres nos terreiros e a sua centralidade como mantenedoras a partir dos afazeres cotidianos, do ensinar e do cuidar.

Nessa direção, Cristiano Sant’Anna de Medeiros e Isadora S. da Silva (2020) valem-se do conceito iorubá de matripotência, apresentado pela filósofa nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, para analisar e compreender o cargo de makota nos candomblés bantu. De acordo com a filóso-

fa a principal oposição entre as concepções de maternidade nas sociedades ocidentais e as africanas pré-coloniais, é que naquelas o estatuto de mãe imposto às mulheres é marginalização, impotência e fraqueza; as africanas, por sua vez, não concebem a sociedade baseada em gêneros a partir da sobreposição, essa é uma concepção ocidental europeia, que tem como base a família nuclear (OYĚWÙMÍ, 2016).

Uma criança nasce de uma ìya, mãe. Quando nasce uma criança nasce também uma ìya. Estabelece-se aí um vínculo visceral e espiritual. Dessa forma, não se reverencia o gênero, mas a ancestralidade, respeitada a senioridade no grupo. Embora a criança nasça de uma ìya, Oyěwùmí (2016) defende que a criação do novo membro do grupo é estendida a todos os mais velhos, sendo o cuidado e os ensinamentos tarefas coletivas.

Medeiros e Silva (2020) utilizam a categoria analítica de ìya para compreender a importância das makotas, que participam dos ritos de iniciação e educação dos que renascem no candomblé. Não são as makotas que raspam e iniciam o novo membro, mas na condição de mãe apontada por orixá, ela faz parte de todo processo de iniciação prolongando-se à criação e educação. Ou seja, além de serem mães, nesta condição elas são mais velhas que seus filhos, por isso, pelo respeito à senioridade, elas devem ser reverenciadas. No candomblé, a senioridade não é relativa à idade de nascimento presente no registro civil, mas quando a pessoa renasce na religião. Sendo assim,

Uma Makota não realiza sozinha o processo iniciático de uma pessoa, ela não pode raspar uma pessoa e fazer nascer um Nkisi, mas ela cria, cuida, acompanha todo o processo de nascimento e criação de um novo adepto. Percebemos nesse processo a matripotência da ancestralidade africana apontadas por Dove (1989) e Oyewùmí (2016) presente nas estruturas dessa relação (MEDEIROS; SILVA, 2020, p. 17).

Em outro trabalho, que trata de um cargo similar ao de makota no candomblé bantu, as ekedes no candomblé ketu, intitulado “Oxum e ekedis: a ancestralidade feminina negra dos terreiros refletido nas redes sociais”, Medeiros e Silva (2021) exploram nas redes sociais, nomeadamente o *Facebook*, uma página sobre as ekedes, e entre as informações divulgadas e os comentários dos leitores há uma ampla gama de interações, positivas e negativas. Entre as negativas há desqualificação da função de ekede, apontando substancialmente a ausência de mediunidade. Contudo, as administradoras da página reforçam a importância do cargo na manutenção do terreiro, e na responsabilidade de tornar-se mãe.

Nesse contexto, os autores invocam novamente o conceito de matripotência, enxergando nessas mães, que não raspam, mas que são apontadas pelos orixás, que elas são sim exemplos de ìyas:

Ekedis são o exemplo de que, para ser Ìya, não precisa parir, mas sim saber criar potências. Ser Ekedí é nascer com a mis-

são iluminada de conduzir e cuidar do sagrado. É ter a dádiva de ser escolhida, literalmente, apontada pelo orixá e zelar por ele e pelos filhos seus. É ensinar, aos que chegam, cada mínimo detalhe (dentro do permitido a cada um) de tudo o que acontece. É sentir a vibração correndo pelas veias e ver, com olhos abençoados, toda a magia acontecer enquanto os outros dormem. É manter a ordem antes, durante e depois de cada toque. É carregar tanta responsabilidade que, às vezes, pode dar medo, mas o orixá sempre irá capacitar as escolhidas (MEDEIROS; SILVA, 2021, p. 57).

No artigo “Ekedy Sinha: memórias e reflexões sobre o ser e o fazer no Candomblé baiano”, cuja proposta de parceria e construção se aproxima do nosso, produzido por Fernando Batista dos Santos e Gersonice Ekedy Sinha Azevedo Brandão (2020), observamos com clareza a matripotência manifestada na pessoa da Ekedy Sinha. No texto, ela conta brevemente sua trajetória biográfica, que alia a vida no terreiro com a militância social, informa sobre o funcionamento, hierarquia e atribuições no terreiro. Entre as infindáveis atribuições e responsabilidades das ekedes, ela enfatiza que: “Seu símbolo, sua ferramenta de trabalho, é a toalha. A equede não tem o dom da possessão, mas lida com ela o tempo inteiro. Sua toalha conforta não só o orixá, mas o corpo de quem ele está usando” (SANTOS; BRANDÃO, 2020, p. 9–10).

Mais uma mulher que transgrediu a lógica, saiu do silêncio das pesquisas acadêmicas e se fez reconhecer pela comunidade foi Makota Valdina, cuja biografia foi contada no livro “Meu viver, meu caminhar” (2015). Em entrevista à Revista Palmares em 2005, Makota Valdina, quando perguntada se há conflito dentro dos terreiros, pois a visão que se passa é de equilíbrio sustentado pela hierarquização e coletividade, responde que sim, que há conflito (PINTO, 2005). Makota Valdina mostra a necessidade do conflito para balançar, e posteriormente rearrumar. O conflito também é parte do crescimento, do aprendizado:

A gente quando tem que fazer um bolo pega uma coisa aqui, pega outra ali, junta uma ali, faz uma bagunça danada. As coisas ali não estavam arrumadas não, estavam desarrumadas. Para você dar uma arrumada, você tem que desarrumar, depois a casa fica toda arrumada. Nada é perfeito, para ter acerto tem que ter conflito (PINTO, 2005, p. 82).

Desarrumar e rearrumar fazem parte do cotidiano e do aprendizado. O aprendizado circula em múltiplas direções e momentos, desde o nascimento de novo membro até o conflito. Nestes contextos não só as mães ensinam, há uma relação de aprendizado e ensino mútuo, os mais velhos também aprendem com os mais novos:

A gente sempre diz que, quando tem um barco de Muzenza,⁶ é o tempo também de quem já passou, que já

6. Muzenza é um termo usado no candomblé de nação Angola, refere-se aos filhos de santo que “fizeram o santo”. O mesmo que iaô na nação Ketu (CAMINHOS DO AXÉ, 2023b).

está mais além, é o tempo em que você está sempre voltando a relembrar, a se reciclar. Você está ensinando e isso o candomblé nos dá. Eu, como uma makota, e tendo a experiência de estar sempre em contato com vários barcos de muzenza, a minha revitalização, a atualização de minha aprendizagem só acontece se tiver barcos de muzenza. Cada barco tem alguma coisa para nos ensinar (PINTO, 2005, p. 82).

Makota Valdina demonstra a matripotência, e sua relação de força manutenção de laços e acolhimento, reconhecendo que aprende com cada novo iniciado.

Nesse sentido, buscamos novas possibilidades de compreensão da importância e desempenho do cargo de ekede no âmbito das comunidades, trazendo para “fora” alternativas de concepção sobre o “ser mãe” com vínculos espirituais numa comunidade afro-religiosa, que transcenda a visão reducionista e desvalorizada do cuidado predominante em nossa sociedade. Cabe, portanto, buscar entender dentro das comunidades como essas mães são tidas e percebidas. Como as próprias ekedes se sentem e se percebem? Na próxima seção poderemos conhecer um pouco desses aspectos a partir da trajetória da ekedji Rosa Barroso, pois, essa mãe cuida de tudo e, principalmente, do orixá, quando o sacerdote ou a sacerdotisa está em transe, ou seja, é um cargo de extrema confiança.

Os estudos acerca do cargo de ekede e seus congêneres carecem de mais pesquisas em variados pontos do País, para que possamos apreender os terreiros como espaços que expressam resistência e diversidade, evidentemente considerando a dinamicidade socioeconômica, cultural e histórica na qual estão inseridos.

Na próxima seção, quem nos ensinará sobre candomblé de nação ketu em Boa Vista/Roraima a partir do cargo de ekedji no Egbè Asé Yewalê Bemí Ti'Yemonja é a senhora Rosa Barroso, somando mais uma contribuição para os debates, com o forte desejo que esses ultrapassem a academia.

Com a palavra: Ekedji Rosa Barroso



Ekedji de Iemanjá Rosa Barroso (Acervo pessoal de Rosa Barroso)

Dona Rosa Maria Rodrigues Barroso, filha de carpinteiro, natural de Santarém/PA, é residente de Boa Vista/RR há 42 anos, tendo na sua trajetória passado por Manaus/AM, antes de se fixar na capital roraimense. Em 2024, fará dez anos de iniciada no candomblé

Egbè Asé Yewalê Bemí Ti'Yemonja, liderado pelo babalorixá Delmiro Freitas (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Dona Rosa Barroso, cujo orunkò⁷ Agiquey Ti' Omolu é ekedji de Iemanjá. Assim, como a ilustre makota Valdina, a ekedji Rosa Barroso tem com uma das suas principais funções – entre aquelas que se referem ao cuidado do orixá – a responsabilidade com as vestimentas do santo, encaminhando-as para a costureira, comprando os tecidos, verificando todos os detalhes etc.

Candoblecista, enfermeira e militante de movimentos sociais, Dona Rosa Barroso, como prefere ser chamada, contribuiu como autora na produção desta pesquisa com seu relato, apresentando a importância, funções e atribuições do cargo de ekedji no candomblé ketu. Em sua narrativa, Dona Rosa apresenta, a partir do seu cotidiano e trocas de saberes em múltiplas direções e reciprocidades, o cargo de ekedji como o “pilar” de um terreiro, posto este que não tem recebido tanto foco por parte dos pesquisadores quando o assunto se refere a religiões afro-brasileiras, conforme iluminamos na seção anterior.

Todavia os estudos sobre as religiões afro-brasileiras vêm se aprofundando ao mesmo tempo que alarga seus horizontes, agregando novos enfoques e problemáticas. Nessa perspectiva, esta seção traz, portanto, a articulação da narrativa da ekedji Rosa Barroso com os problemas de pesquisa manifestados pelos pesquisadores acerca do cargo de ekede como processo de iniciação, funções, atribuições, cotidiano, entre outros, sempre partindo da trajetória de vida e experiências de Dona Rosa e sua aproximação e vivência no candomblé.

Contato com o candomblé em Santarém/PA e o chamado da espiritualidade.

A minha tia, ela tinha um terreiro em Santarém. No final do ano, nós sempre íamos visitar a terra nativa onde nós nascemos. Eu sempre ia com ela, no terreiro dela. Ela tinha um caboclo, um caboclo chamado Pena Verde. Esse caboclo era o que comandava a cabeça dela, e um dia ele disse assim pra mim: “Não é agora, mas, um dia tu vai ser minha filha”. Passou, passou, e ela veio pra Boa Vista. Ela veio fazer uns banhos, porque o pai de santo que ela teve, era em Boa Vista, Mário (sobre a trajetória de Pai Mário cf. OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Ela precisava fazer alguns fundamentos na cabeça dela. Ela veio pra cá, e eu a acompanhava. Só que sem intenção, nada. Pra você ver como é a espiritualidade, a gente não escolhe. Eu a acompanhava, e ela voltou pra Santarém. Ai, ela faleceu.

7. Nome de santo.

Militância política, aproximação com o candomblé e o nascimento de uma amizade

Comecei a militar nos movimentos sociais do Estado [RR]. Fui presidente do sindicato dos trabalhadores da Saúde, por dois anos consecutivos. Depois de lá, militei também nos Conselhos [da saúde] aqui do Estado. Então, tenho um conhecimento grande na militância, e fui pra presidente da CUT [Central Única dos Trabalhadores]. Na CUT, foi onde começou esse meu desenvolvimento, porque o Pai Delmiro, hoje, que é meu pai, chamei ele, como ele era LGBT, chamei ele pra fundar um núcleo LGBT, pra militar dentro da CUT. Porque como era um povo muito excluído, eu achei que vindo pra dentro da CUT, a gente ia dar visibilidade pra eles. Nós fizemos o primeiro colóquio, fomos discutir a questão LGBT no Estado. E foi fluindo, fluindo, fluindo... E ele dentro, como ele era direção também, aí um tempo ele sumia, sumia. Só que ele não me dizia o que ele estava fazendo, e eu precisava dele, e ele não me atendia. Um, dois dias, ele se isolava. Só que ele tinha um receio, como eu era presidente da CUT, ele achava que eu não ia aceitar a religião que era dele. Ele já incorporava com Iemanjá. Eu disse: “Meu Deus, Delmiro sumiu. Delmiro sumiu”.

Quando foi um belo dia, eu disse tem alguma coisa errada. Eu disse: “Sente aqui, seu filha da mãe! Vamos discutir aqui. O que é que está acontecendo?”. Ele virou baixou a cabeça e disse: “Eu quero lhe falar”. Eu disse: “Pode me falar”. [Delmiro]: “Não..., é porque eu incorporo e tal... Quando eu incorporo de noite, no outro dia eu não sou nada! Porque a energia vai toda pra eles [os orixás], e eu preciso pra descansar o corpo”. Aí eu disse: “Eu sabia que tinha alguma coisa!”.

Quando foi um dia, eu disse assim: “Tu vai pra onde?”. Ele disse: “Eu vou pra casa da Mãe Silvia”. Eu disse: “Onde é esse negócio”. [Delmiro]: “É lá no Caranã [bairro de Boa Vista]”. Pois, eu disse: “Vou junto contigo”. Ele disse: “Tu vai mulher? Tá bom. A gente vai se encontrar em tal lugar. Tu já pega as minhas coisas, que eu vou vestir Iemanjá”. Eu disse: “Ah! Tá bom.”. Nós chegamos lá. Ele se vestiu, incorporou, e eu estava embaixo de uma mangueira, num lugar assim, meio escuro, quando vi aquela mulher me pegando, que foi Iemanjá, e disse pra mim: “me acompanhe”.

Desde ali que eu comecei a falar com eles. Aí, nesse dia, não sabia. Ela foi. Depois quando ela voltou, ele disse: “eu tenho um recado”. Eu disse: “Qual é o recado?”. [Delmiro]: “Iemanjá vai lhe raspar. Você vai ser ekedji dela”. Eu disse: “Mas, como?”. Infelizmente, a divindade é assim, a gente não diz quem que nós queremos. E antes do jogo, antes do Ifá ela já ordenou. E, aí, que era no Raiar do Sol [bairro de Boa Vista], um lugar, que era um depósito, e nós limpamos e fizemos um ronco lá, pra começar nossos... a raspagem de outros filhos que lá também iam. A gente fez um barracãozinho, só cobriu.

Nós éramos lá do Jardim Floresta [bairro de Boa Vista/RR], onde tinha uma garagem. Ali que a gente começou.

Nessa garagem que começou com uma festa do Pena Verde, o Panaiá⁸ dele. E eu comecei. Desde aí, eu nunca mais assim... Tomei ele [o Delmiro] como um filho que precisava de cuidado. Como ele era sozinho aqui, só não tinha ninguém. Eu tenho meus filhos, mas ele é meu quarto, eu tomei ele como meu filho, e comecei a cuidar dele como pessoa, e quando vieram as divindades, que eu fui raspada e tudo, aí juntou tudo!

De filho com orixá, de cuidar, com ele eu vou fazer dez anos de santo no ano que vem [2024]. Mas, com ele, no andar da carruagem, tenho vinte anos andando com Pai Delmiro.

Iemanjá quer casa!

Como ia ser ekede que ia ser raspada, meu avô [avô espiritual] disse pra mim: "Iemanjá disse que quer casa". Como ela já lhe viu, e já disse que você vai ser ekede dela, Iemanjá precisa vir pra Roraima. Eu disse: "E agora meu velho, o quê que eu vou fazer?". Ele disse: "Ela vai ter que vir". Eu disse: "O quê que precisa pra essa mulher?". Ele disse: "Isso, isso e isso". Eu disse: "Eu vou trazer ela!". Aí, a gente a trouxe. Nesse dia quando eu fui raspada, esse dia foi o primeiro Balaio de Iemanjá. Em 02 fevereiro de 2014, por aí. O primeiro balaio dela que surgiu aqui em Boa Vista.

A casa de Iemanjá e o infortúnio

Compramos aquele lugarzinho no Bela Vista [bairro de Boa Vista/RR, zona Oeste] em 2012, porque a gente precisava de um lugar nosso. E, ali, a nós já compramos cercado, com uma casinha dentro, uma casinha velhinha, e a gente levou todos os nossos santos pra essa casa. A gente dividiu com umas madeiras, uns santos pra cá, os exus pra lá, um exu acolá. Dividimos em três. Ali a gente começou a cultuar, foi quando nós tivemos uma perda muito grande, a do irmão do Delmiro, o Ricardinho, que faleceu. Ele era de Oxóssi. Ele que estava junto, sempre junto com a gente nos nossos eventos. Nossos orôs⁹, nas nossas funções... Era um irmão. E, quando ele faleceu, como ele tava lá, ele ficou lá. E, como ele ficou lá, nós tínhamos que fazer alguma coisa, porque ele tinha que sair do local. Ele tinha que subir. Então, nós paramos tudo toda a casa. Pequeninha, mas nós paramos até fazer o axexê.¹⁰ dele, pra que ele subisse. Pra gente poder evoluir. Porque quando ele deixou lá, a casa estagnou, porque... porque ele é da fartura, Oxóssi é da fartura. E a gente estagnou, a gente parou.

Nasce uma mãe

O Ifá no jogo disse que eu não incorporava, que eu nasci mãe. Quando ela... lá atrás, antes do jogo do Ifá, ela já tinha me escolhido [Iemanjá]. Mas, eu vim na confirmação do Ifá. Aí, quando o Ifá confirma, né? Então, é... a divindade vem e suspende a gente, que é apontado e ela suspende.

8. Uma mesa com oferenda/comida específica para cada caboclo na umbanda.

9. Função

10. Ritos fúnebres

Isso não quer dizer que a gente vai logo entrar no quarto de santo. Isso aí é o tempo, e é ela que vai dizer quando nós vamos fazer o santo. Pra confirmar mesmo, pra raspar. Mas, só que eu fui diferente. Como ela me indicou, ela não me suspendeu. Eu já entrei, quando o Ifá disse, é ekede, eu já entrei no quarto de santo.

Suspender é... o Ifá nos aponta, só que no dia da festa que elas estão [as divindades], elas suspendem a gente. Elas mostram a todos os orixás e às pessoas que ali estão, que nós somos as suspensas e indicadas por eles. Eles suspendem a gente numa cadeira nos quatro fundamentos, e nos apresentam a todos os orixás da casa, e desde aí a gente já pode trabalhar. Já pode ir pros fundamentos, de dentro do quarto de santo, porque nem tudo a gente pode entrar, tem que ser feito, por causa dos fundamentos.

Só depois que quem é suspenso vai pro roncó. Mas, comigo foi diferente. Eu já fui direto.

O cuidar

Assim, como você cuida do seu filho biológico, a nossa obrigação também é cuidar. A diferença nossa, do biológico que nasce de uma barriga de um ser, e nós nascemos de uma barriga chamada esteira.

A senhora é como se fosse mãe de todo mundo lá?

Isso, [mãe] de todo mundo. Nós somos o cargo maior, porque filho não nasce antes da mãe. Nós nascemos primeiro. Então, nós somos o cargo maior, porque o filho vem aqui e nós estamos aqui esperando. Como eu digo sempre pro povo lá: “mãe, o filho não vem primeiro da mãe, o filho vem depois da mãe”.

Precisamos de mais mães!

Lá atrás nós não tínhamos muito... a ekede ali, era eu. Então, eu era a faz tudo. E, como eu era a faz tudo, eu ficava cansada, eu ficava exaltada. Era eu e ele, e mais os iaôs. Mas eu era sozinha. Aí um dia um pai de santo disse assim: “minha filha bate cabeça pra sua mãe Iemanjá, pra ela trazer ekede pra dentro dessa casa”. E eu dizia: “sabe que é mesmo?”. E eu pedi a ela, que ela trouxesse, porque eu já estava exaltada e não aguentava mais, porque eram muitas funções, muita coisa pra fazer e [...], que alguém diferente vinha ajudar. Mas, tem coisas, tem fundamentos que só nós pegamos, nem iaô nem ninguém. Só quem pode é o pai de santo. Mas outro, tem fundamento que ninguém pega só nós. Porque se pegar eles viram na hora [incorporam]. Então, tem fundamento, que eles não pegam. Foi quando eu bati a cabeça, e ela [Iemanjá] começou a trazer. Hoje nós somos sete ekedjis, só de Iemanjá, da mãe da casa.

Educando as novas gerações

Aí, nós temos uma palavra, que é uma palavra vodunce.¹¹ não

11. “Vodunce é um termo usado no candomblé de nação Jeje, para designar o filho de santo que já cumpriu sua obrigação de sete anos”. (CAMINHOS DO AXÉ. 2023c).

vova¹². O abiã a gente ensina pra ele, vodunce não vova. Você vê, mas não enxerga; você escuta, mas não fica na sua mente; você fala, mas ninguém ouve; você respira, mas fica dentro de você. Ninguém pode. Quem tá lá dentro, tudo o que acontecer fica dentro, não pode sair de dentro. É fundamento de dentro da roça, e isso eles têm que aprender desde quando eles são abiã: observar, escutar e aprender, na observação. Eles não podem intervir, não podem mexer. Mas, se vai fazer o fundamento, eles estão ali, vendo como faz. Eles não podem fazer a pergunta naquele momento. Mas, como ele viu hoje, a gente pode dizer: “Fulano, faz um padê”¹³. Mas, ele vai dizer: “Ah! Mãe, mas eu não sei”. Eu disse: “Meu filho, naquele dia que eu estava fazendo um padê, você estava observando. Então, você viu como eu fiz?”. [resposta do abiã]: “Ah! Vi mãe”. [resposta ekede]: “Então meu filho, vá fazer. Se você não souber, você vem e pergunta pra gente ensinar você a fazer”. Eles só observam.

Os novos membros da família espiritual e o educar

É muito difícil porque, uma coisa é a sua família biológica, e outra coisa é uma família religiosa de candomblé ou de outras nações, por quê? Porque, às vezes você tá dentro da sua casa, você tem certas manias ali dentro. Por exemplo: a pessoa está ali, mas ela não aceita se eu falar: “fulano vá bem ali e faça isso e isso pra mim, por favor”. Porque a gente não manda, a gente pede por favor. Porque ninguém é empregado de ninguém. Então, a gente pede sempre com delicadeza. Faz isso, faz aquilo. Mas, às vezes as pessoas dizem: “Ah! Eu não faço isso na minha casa! Como é que eu vou fazer aqui?”. Então, responde pra gente: “Ah! Não vou não! Porque na minha casa, eu não faço isso não, e não é aqui que eu vou fazer”. Então, são coisas diferentes, porque dentro da roça são pessoas diferentes, cabeças diferentes, pensamentos diferentes, coisas diferentes. Tudo é diferente. Você numa casa familiar biológica, que uma mãe te ensina ali, só que quando você vai, com famílias, com seres humanos que são diferentes de você, não é seu sangue, é diferente. Então, tem que doutrinar, tudo isso aí. Tem que ter um malabarismo muito grande com os abiã.

Lapidando pedras brutas

Quando você chega ali dentro, o santo já começa a te enxergar. Às vezes você nem sabe o santo que você é, mas... somos dezesseis orixás lá dentro. Tem dezesseis orixás. Estão ali. E quando você entra, ele já começa a te observar. Ele começa a te lapidar. Uma lapidação que os orixás fazem, com a ajuda da gente, com a ajuda também dos exus, que são uma peça fundamental, também, dentro do candomblé. Nós temos exus ali que são conselheiros nossos. Tranca Rua é um grande conselheiro, um grande advogado, um homem padre. Tem a Padilha, uma freira,

12. Segredo: “Segredo no candomblé equivale ao privado, é dito entre dentes, secretamente, e é também uma forma particular de transmissão dos fundamentos religiosos e de manutenção do axé, a força vital” (CONCEIÇÃO, 2019, p. 155).
13. Farinha branca com dendê, oferecido no agdá (vasilha circular feita de argila). “Padê é um rito realizado no início das cerimônias do candomblé, em que são propiciados o orixá Exu e outros seres espirituais, como as Ìyámi e os Essa, com o objetivo de dinamizar, armazenar e dirigir as energias do terreiro. É constituída

uma grande conselheira. Tem nossa moça, a cigana Suvilan, também, ela é uma grande conselheira. Ela também chama. Quando está demais assim, ela chama pra conversar. Então, uma coisa vai levando a outra ali dentro.

O dom

O meu dom, que eu recebi do supremo maior Oxalá. É de curar, de rezar, de trabalhar com as ervas. Eu que faço, eu que pego as crianças... a questão da cura, das rezas, sou eu. A criança... em todos... só eu que tenho. Eu vejo, eu escuto. Eu. Quando eu falo eu, porque é a mim, estou me dirigindo a mim, porque outras podem. Mas, pra chegar nesse nível, é muita coisa. Porque o orixá é sábio, muito sábio. Cada orixá tem uma sabedoria, que é o que eu chamo divindade. Eles vieram, eles não morreram. Como exu, tem a história. O caboclo, tem caboclo que se encanta, que não morreu, que são os curadores. Todo caboclo encantado tem o dom de curar, e aí como eu também tenho todo esse laço, e ele se chama Pena Verde, que é caboclo curador, ele foi encantado, então, ele também me orienta. Quando eu tô aperriada, chega muito caso, eu me pergunto, o que eu vou fazer? Eu vou na mata, dou uma comida, e peço pra ele me falar o que é que eu tenho que fazer para aquela cura, entendeu? Ou quando ele tá na Terra, na cabeça o velho eu pergunto.¹⁴ Mas, eu... me deram esse dom, da cura, do abraçar. Ali eu escuto, eu vejo, eles falam. Eu me digo, assim, porque eu não tenho relato de outras ekedes.

98

As mães curadeiras: Nanã, Iemanjá e Oxum

Banhar. Aqui nesse banho [igarapé] eu faço limpeza. Os braços dos rios são de Iemanjá. É tão grande o braço dela, né? Tem o rio aí, mas tem os braços, porque tem a Iemanjá da água salgada, e tem a Iemanjá da água doce. E da água doce, tem os braços onde ela abraça. E esse braço aqui é onde eu levo pra dar banho, pra trabalhar com argila. Ali dentro tem uma argila lilás, porque o pântano é de mãe Nanã. Nanã é uma mulher curadeira, é uma mãe espiritual, é um orixá muito respeitado que se chama Nanã. Ela é do pântano, ela é do lodo, ela é das beiradas, onde ela vive. E quando eu não consigo, eu trago pra ela. E trabalho com argila.

Eu sempre trago aí os banhos. Eu venho quando tá calmo, e as divindades que ali estão. Aí dou banho. Dou banho de descarrego aí também, por quê? Porque água é corrente, e leva de você as suas negatividades na água. Leva, vai embora, que ela não tem parada. Então, não vai deixar em ninguém. A água corrente não tem parada, a água não retorna.

O pano de cintura

O pano é o símbolo da mulher, é o útero. Igual a esteira, a esteira é o útero. Nós nascemos lá, na esteira. É esteira. Tem que ter esteira. Tem que ter folha por baixo, porque nós nascemos das folhas também, e depois vai a esteira. Às vezes falta muita compreensão de quem eu sou.

A ekede além dela cuidar do santo, ela cuida do pai de santo. Nós somos os olhos do pai de santo. Nós somos os

14. Quando o orixá está incorporado no pai de santo líder do terreiro.

olhos dos orixás. Por isso que nós estamos aqui com o adjá, para dirigir. Nem todo orixá abre o olho, ele vai pelo toque do orixá. Então, nós que enxergamos para eles, nós somos os olhos deles. Nós que enxergamos, porque nós temos mais contato com todos, somos nós mães. Então, nós somos os olhos deles.

Eu pelo olhar dos orixás, eu sei o que é que ele quer. Eu sei quando ele quer aquela reza, quando eles estão com calor, quando eles querem o omi¹⁵, que é a água, pelo olhar deles eu já sei que tem algo diferente. Porque, nós somos o olhar. Nós ekedjis somos os olhos do santo e do pai de santo.

Mãe: Ancestralidade e precedência

Mãe é o poder é maior. É isso aqui [ela bate palmas]. Nós temos a mão. Nós chamamos os orixás em Terra e também ajudamos a subir. Nós temos o poder muito forte. Quando você chega, que diz é mãe, você pode ver o tratamento. Quem é feito no santo, eles dobram¹⁶ o tambor. Não sei se tu já viu eles dobrarem o tambor. É o reconhecimento. A patente nossa. Quem é ebomi¹⁷, quem é pai de santo, quem é mãe de santo, porque já é... a espiritualidade dele já tá elevada. Elevada no sentido que a gente já tem aquele tempo, porque a elevação espiritual, ela é todo o dia você tá aprendendo. Não existe pai de santo melhor do que outro, essa ekede é melhor do que a outra, não. Não existe. É tudo igual. Depende de você. Vai depender de você. Porque todo o dia nós aprendemos. Todo dia eles trazem coisas novas pra você. Então, não existe o sábio. Não existe o sábio. Existe aquele de evolução, da patente do aprender. Ele aprendeu aquilo ali. Aprendeu na leitura e aprendeu na prática. Você não vai só aprender na teoria. Tem as nossas práticas. Você tem que praticar. Se tu num praticar, você não vai aprender nunca. Se você não praticar fazer um padê, você nunca vai aprender a fazer um padê. Pra você aprender, tu tem que pegar, tu tem que fazer. Que nem uma criança, criança nasce, ela amamenta, ela engatinha. Quem é que ensina? Não é nós, mãe? E é assim mesmo dentro do candomblé, as mães, dessa forma.

A diferença é que é biológica, e a que é espiritual. Nós recebemos pessoas de vários tipos, de vários pensamentos. E, nós temos que a prender a lidar com todas as pessoas que vêm diferente pra gente. Às vezes, vem uma pessoa que tem um problema mais psicológico, que precisa de vir pra cá, pra esse outro lado espiritual, né? E ali quando ele vem, às vezes ele vai entrar em crise, às vezes ele vai gritar com você, às vezes ele vai se isolar, às vezes o comportamento dele é diferente, né? Então, nós só temos que lidar com tudo isso. Nós mães lá dentro, e todos que estão ali por perto também. Nós temos que ensinar a eles a lidar com o que chegou. Nós temos que ensinar ele. Aqui é diferente. Nós temos um trabalho diferenciado. Porém, mais tarde, vai ter uma igualdade.

15. Água.

16. Um toque diferente de tambor sinalizando a entrada de alguém com patente no salão, alguém com mais de sete anos, com o ciclo completo.

17. Filho que já cumpriu sete anos de iniciado. As obrigações para os iniciados no candomblé são aos três, sete, quatorze e vinte e um anos.

Mas, nesse momento ele precisa que vocês tenham compreensão com ele. Então, tudo isso é... a gente vive assim, é... às vezes quando a gente ultrapassa, o próprio orixá, ele vem e te alerta: “Não é por aí, tu vai assim”. Quando tu dorme, ele vai te dar caminho, o próprio orixá. Ele é vivo. Vivo nos seus caminhos, vivo no seu orí¹⁸. Pra isso tem todos os fundamentos.

Entre mães

É minha filha, nós somos o pilar. Nós somos o pilar. Nós engravidamos. Agora, tem ekedji que não tem filhos biológicos. Eu tenho três filhos. Além desses três filhos, lá são 53 filhos de santo, com tudo, com dificuldades, com problemas diferentes. Então, nós temos que lidar com as diferenças entre eles. Se nós não sabemos, nós temos que recuar e chamar uma outra ekede. Ekedji fulana: “a senhora tem mais essa habilidade de trabalhar assim, assim. A senhora pode conversar?”. Se eu não dou conta eu não me meto. Eu vou ver uma outra que pode te ajudar mais do que eu.

Cada ekedji cuida de uma coisa

Lá é assim, umas passam, umas cozinham. Porque, por exemplo, porque eu, eu num sei. Se tu mandar eu fazer uma comida, eu sei fazer uma comida do meu orixá. Mas, se eu for fazer uma comida pra dez pessoas, eu não vou, porque eu não vou saber. Então, minha função já não é a cozinha. Aí tem a função de limpeza, a função de passar as roupinhas do orixá e arrumar para ir pro salão, a de passar a roupa do pai de santo, tem a função de passar as roupas do santo pra ir pro salão, tem a ekede que a que sabe arrumar o orixá, ela tá pra isso. Tem ekede que vai cantar na roda, ela tá preparada pra isso, pra cantar na roda. Tem ekede que vai suspender o santo, porque todas as ekedes tem as funções de cuidar. Função de cuidar não é de tudo então, cada uma tem a sua função. Mas, a minha é *bombril* [risos].

O cuidado terreno e a militância política

Essa parte política eu tô cuidando mais de acessibilidade, é... por exemplo é as mães, as crianças assim... questão de alimento e tudo, quem vai estar buscando tudo sou eu. Por exemplo, na mesa Brasil, na cesta básica, porque nós temos muita família pobre, muito pobre, atendimento no SUS [Sistema Único de Saúde], como marcação de consultas, exames, exames de alta complexidade etc. E, ali, raramente – é uma coisa engraçada, né? Que quem procura a religião são pessoas mais pobres.

O rico não procura, porque eles não acreditam, porque tem como ir viajar atrás de um médico melhor pra curar. Às vezes, nem é uma cura medicinal, é uma espiritual, mas poucos acreditam. Mas, nós temos lá médico, advogado, temos lá farmacêutico, nós temos enfermeiro, pai de santo é enfermeiro, eu...

18. Cabeça não somente no sentido físico e literal, mas religioso.

Considerações finais

No presente trabalho, cuja temática que nos motivou é um desdobramento de trabalhos e pesquisas anteriores, buscamos trazer à tona o cargo de ekede no âmbito do candomblé. Apesar das pesquisas apontarem para uma invisibilização e silenciamento das mulheres que ocupam tal posto por parte dos pesquisadores, vislumbramos uma nova perspectiva de análise, em congruência com alguns trabalhos, pois se de fora para dentro o cargo é silenciado, dentro dos terreiros as vozes das ekedes têm imensa ressonância e reverberação. Como nos diz a ekedji de Iemanjá Rosa Barroso “Nós somos o cargo maior, porque filho não nasce antes da mãe”.

Sendo assim, por intermédio da trajetória da Dona Rosa, que construiu junto ao seu Pai de Santo, Pai Delmiro, um terreiro, onde atua há dez anos, percebemos que os estudos podem fazer emergir inúmeras potências que habitam os terreiros, como força de resistência e ancestralidade, rompendo a ótica hegemônica de mulher/mãe subalterna, construindo novos olhares através da leitura atenta de diferentes contextos por meio deles próprios, suas crenças e concepções.

Reforçamos, assim, que se lancem luzes sobre a existência de relações sociais e de poder que insistem em negar sistematicamente a potência feminina e a primordialidade do cuidado para qualquer sociedade existente. Em suma, as ekedes são uma das maneiras de mirarmos o cuidado por novos ângulos, apresentando o cuidado, tão desvalorizado na nossa sociedade ocidental capitalista, como essencial não somente para os terreiros, mas, para a existência humana.

Referências

BATISTA, Raíssa Nathana Freitas. **O Abate religioso nas casas de candomblé em Boa Vista/Roraima (2017-2020)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.

BRANDÃO, Gersonice Equede Sinha de Azevedo. **Equede: a mãe de todos: Terreiro Casa Branca**. [Organização de Alexandre Lírio e Dadá Jaques]. Salvador: Barabô, 2016.

CAMINHOS DO AXÉ. Adjá. 2023a. Disponível em: <https://caminhosdoaxe.com.br/?s=adj%C3%A1>. Acesso em: 20 set. 2023.

CAMINHOS DO AXÉ. Muzenza. 2023b. Disponível em: <https://caminhosdoaxe.com.br/?s=muzenza>. Acesso em: 02 out. 2023.

CAMINHOS DO AXÉ. Padê. 2023d. Disponível em: <https://caminhosdoaxe.com.br/encyclopedia/pade/>. Acesso em: 20 set. 2023.

CAMINHOS DO AXÉ. Vodunce. 2023c. Disponível em: <https://caminhosdoaxe.com.br/?s=ebomi>. Acesso em: 20 set. 2023.

CONCEIÇÃO, Lúcio André Andrade da. **“Ciberaxé”: redes formativas e de difusão do conhecimento do candomblé**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019.

DICIONÁRIO INFORMAL. Roncó. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/ronc%C3%B3/candombl%C3%A9/>. Acesso em: 02 out. 2023.

EVANGELISTA, Daniele Ferreira. **“Emoção não é coisa de equede”**: mudanças de status e relações de poder no candomblé. *Intratextos*, Rio de Janeiro, n. Esp., v. 4, n. 1, p. 93-106, 2013.

LIMA, Vivaldo da Costa. O conceito de “Nação” nos candomblés da Bahia. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 12, 1976.

MEDEIROS, Cristiano Sant’Anna de; SILVA, Isadora Souza da. A matripotência nos terreiros de candomblés pelas mãos das makotas. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 11, n. 5, p. 5-19, 2020.

MEDEIROS, Cristiano Sant’Anna de; SILVA, Isadora Souza da. Oxum e ekedis: a ancestralidade feminina negra dos terreiros refletido nas redes sociais. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 227, mar./abr. 2021.

MONTENEGRO, Andrea Natividade; SANTOS, André Luis Nascimento dos. Cadê a mãe? Ensaio sobre a (in)visibilidade e (des)valorização das ekedes, ajoíês, iarobás e makotas nas narrativas etnográficas das comunidades de terreiro. *Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*, Paulo Afonso, v. 7, n.11, p. 75-89, jul./dez. 2019.

OLIVEIRA, Monalisa Pavonne. Religiões de matriz africana e afro-brasileira no tempo presente: possibilidades e perspectivas de estudo para o campo da história. **Revista REVER**, São Paulo, v. 21, n. 1, 2021.

OLIVEIRA, Monalisa Pavonne et al. **Fé e Resistência**: religiões de matrizes africana e afro-brasileira em Boa Vista/RR. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Matripotência**: iyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016. Cap. 3. p. 57-92.

PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver**. Salvador: Sepromi, 2015.

PINTO, Valdina. "Saberes e viveres de mulher negra: Makota Valdina". [Entrevista concedida a] Ubiratan Castro de Araújo. **Revista Palmares**, ano 1, n. 2, dez. 2005, p. 75-83.

SANTOS, Fernando Batista dos; BRANDÃO, Gersonice Ekedy Sinha Azevedo. Ekedy Sinha: memórias e reflexões sobre o ser e o fazer no Candomblé baiano. **Trayectorias Humanas Transcontinentales**, n. 8, p. 1-15, 2020. DOI <https://doi.org/10.25965/trahs.2706>

SILVA, Tiago Nicolau. **Racismo Religioso e Educação Antirracista**: o enfrentamento à intolerância religiosa a partir do estudo de religiões de matriz afro-brasileira em Boa Vista-RR. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá Agbás dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, ano 3, 2. sem., p. 436-445, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16455/15032>. Acesso em: 10 set. 2023.

O presente artigo apresenta e analisa o cargo de ekedji no candomblé de nação ketu, no Egbè Asé Yewalê Bemí Ti'Yemonja, em Boa Vista/Roraima. Nossa premissa é de que as ekedes compreendem uma forma de mirarmos o cuidado por novos ângulos, apresentando o cuidado, tão desvalorizado na nossa sociedade ocidental capitalista, como essencial não somente para os terreiros, mas para a existência humana. Sendo assim, o objetivo é atentar para a diversidade de modos de pensar, viver e de crer fazendo emergir as vivências e os pontos de vista das ekedes. Nessa perspectiva, este trabalho foi desenvolvido por meio de uma parceria de coautoria com a ekedji Rosa Barroso, a partir sua narrativa de vida e experiências no âmbito do candomblé. Desse modo, o texto divide-se em duas seções: a primeira, traz uma breve revisão da literatura acadêmica alusiva ao cargo de ekede e seus congêneres; na segunda, temos a contribuição de Dona Rosa Barroso articulada às questões levantadas pelos pesquisadores. Palavras-chave: Equede/Ekede/Ekedi/Ekedji, Candomblé, Boa Vista – Roraima.

RESUMO

Equede/Ekede/Ekedi/Ekedji, Candomblé, Boa Vista – Roraima.

PALAVRAS-CHAVE

This article presents and analyzes the role of ekedji in the ketu nation Candomblé, in Egbè Asé Yewalê Bemí Ti'Yemonja, in Boa Vista/Roraima. Our premise is that ekedes is a way of looking at care from new angles, presenting care, so undervalued in our capitalist Western society, as essential not only for terreiros, but for human existence. Therefore, the objective is to pay attention to the diversity of ways of thinking, living and believing, making the experiences and points of view of the ekedes emerge. From this perspective, this work was developed through a co-authorship with ekedji Rosa Barroso, based on her life narrative and experiences within the scope of Candomblé. Thus, the text is divided into two sections: the first, provides a brief review of the academic literature alluding to the position of ekede and its counterparts; in the second, we have the contribution of Dona Black sailor, inquisition, catholicism, protestantism.

ABSTRACT

Equede/Ekede/Ekedi/Ekedji, Candomblé, Boa Vista – Roraima

KEYWORDS**ROSA MARIA RODRIGUES BARROSO**

Ekedji de Iemanjá no Egbè Asé Yewalê
Bemí Ti'Yemonja. Boa Vista-RR

MONALISA PAVONNE OLIVEIRA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0091-6778>
E-mail: monalisapavonne@gmail.com

RECEBIDO: 15.06.2023
ACEITO: 25.06.2023

TIAGO SIQUEIRA REIS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9115-1231>
E-mail: siqueira.treis@gmail.com